



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

3 DE JUNHO DE 1977.

IMPROVISO POR OCASIAO DO ENCER-
RAMENTO DO VI SEMINARIO INTERNA-
CIONAL DO CAFE, EM GUARUJA-SP.

Meus senhores, a minha vinda hoje aqui a este Seminário Internacional, que tradicionalmente se realiza no Guarujá, coincide com as comemorações dos 250 anos de introdução da cultura do café no Brasil.

Há, pois, um duplo motivo para esta minha vinda.

Em primeiro lugar, para ter um contato com os senhores, inclusive com as delegações estrangeiras que aqui se encontram. Mas, de outro lado, para dar um testemunho público da importância que o Governo atribui ao trabalho que se desenvolve, que se desenvolveu há longos anos e continua a se desenvolver cada vez mais, no sentido de atender adequadamente a essa cultura.

Ela é, sem dúvida na nossa História, de extraordinária significação.

O café representou, desde longa data, mas sobretudo a partir dos meados do Segundo Império, até a década de 30, deste século, um fato básico para o desenvolvimento do País.

Foi através do café que se desbravaram novas terras, que se povoou o Oeste do Estado de São Paulo e o Norte do Paraná, afora outras regiões

em todo o País. E foi ele que serviu de base à industrialização. Foi ele que começou o surto do Grande São Paulo. Foi com ele que este Estado cresceu e adquiriu uma posição econômica de hegemonia em relação a todo o País.

Foi a riqueza do café, conjugada com a energia elétrica, que propiciaram o surgimento do Brasil moderno.

Usamos nele, de início, o braço escravo. Mas, também, através do café, fomentamos o incremento da imigração. E foi à custa dele ou por ele que recebemos contingentes numerosos de sangue europeu, que com sua capacidade e sua mentalidade influíram decisivamente para o desenvolvimento dessa Região do País.

E, na longa marcha, o café atravessou extraordinárias vicissitudes. Não só foi o desbravamento e o povoamento e criação de cidades, mas foram lutas sem fim de combate contra circunstâncias desfavoráveis, entre as quais avultam, sem dúvida, as condições climatéricas. Por um lado, períodos de seca e falta de chuvas adequadas, de outras épocas, geadas, invernos rigorosos que ciclicamente dizimam as nossas plantações e, conseqüentemente, reduzem a produção.

E, por outro lado, desenvolveu-se a cultura em outros países, e criamos com ela naturais competidores. À medida em que o mercado crescia, crescia também a produção, muitas vezes de forma desmesurada, o que nos levou, em determinadas épocas, a

constituir estoques profundamente onerosos, criando ocasiões em que tivemos de destruí-los. Na crise de 30, chegamos a lançar café ao mar, e chegamos também a queimar café, tal a quantidade que existia, e tal o desequilíbrio que se formava no mercado. Mas nem por isso o mercado deixou de se expandir e de ser adequadamente atendido. Mas agora, a situação presente se caracteriza por uma extraordinária escassez. Aqui no Brasil, em 1975, sofremos uma geada sem precedentes, que praticamente destruiu os cafezais do Norte do Paraná e de grande porção do Estado de São Paulo.

E a esta circunstância se acresceram as dificuldades que surgiram em outros países, notadamente na África. Conseqüentemente, a produção decaiu e os estoques se reduziram drasticamente. Basta considerar que, no ano cafeeiro de 1966/67, portanto há pouco mais de dez anos, o Brasil tinha um estoque de 73,5 milhões de sacas de café. Já no ano cafeeiro de 76/77, logo após a geada, esse nosso estoque estava reduzido a 27 milhões e 200 mil sacas. E agora, no início deste novo ano cafeeiro de 77/78, o estoque está um pouco abaixo de 9 milhões de sacas.

Quero me referir ao estoque integral do País, somando o café de que o IBC dispõe e o café que está na mão de produtores ou de particulares no País.

Essa redução drástica do estoque nos preocupa extraordinariamente, estamos antevendo que, com a safra atual, que gira em torno de 14 milhões de to-

neladas, nós chegaremos ao fim deste ano cafeeiro, em meados de 78, com estoque possivelmente de zero.

Preocupa-nos seriamente este problema porque, além de termos que atender ao mercado externo, nós temos um grande mercado interno, o segundo maior mercado mundial, com 6 milhões de sacas por ano. A consequência natural, dentro da economia de mercado, que funciona neste setor, é a alta dos preços.

Mas não cabe a nós, propriamente, a responsabilidade por esta alta. Ela decorre, como eu disse, dessas condições de clima desfavorável. E tanto não nos cabe a responsabilidade que, apesar da reduzida produção que tivemos no ano passado, que chegou apenas a seis milhões de sacas, nós continuamos a oferecer até ao mercado exterior.

No ano de 75/76, exportamos 14 milhões de sacas e, neste último ano de 76/77, exportamos 17,2 milhões, o que vale dizer que a nossa política não foi de restrição de exportações, no sentido de obtermos uma valorização ainda maior, esta sim artificial.

Repito isto com a necessária ênfase para rebater as acusações infundadas e injustas que alhures nos fazem, de manipularmos arbitrariamente, e, às vezes, indecorosamente, o mercado, para forçar altas artificiais.

Paralelamente a isto, dada a riqueza que o café representa, nós nos preocupamos, desde logo, quando se manifestou a geada, em intensificar, a crescer

e a multiplicar os programas que já havia em curso do Governo anterior, para desenvolvimento de novos cafezais. Não foram só erradicados aqueles cafezais que, por sua natureza, já eram improdutivos, mas tentaram-se novos, de acordo com nova tecnologia.

Diversificamos as áreas de plantio, para ver se nos cobríamos um pouco melhor no futuro contra as intempéries. Desenvolvemos culturas de café com maior intensidade em Minas Gerais, na Bahia, em Mato Grosso e nos Estados do Nordeste, não nos limitando apenas ao Norte do Paraná e ao Estado de São Paulo.

Procuramos, por essa diversificação, obter maior segurança na produção, não só no interesse do Brasil, mas também para abastecimento do mercado mundial, de vez que o café é uma bebida apreciada, hoje em dia, na maior parte do mundo. Procuramos introduzir nova tecnologia; procuramos aperfeiçoar nossos métodos de plantio; procuramos combater com maiores condições as pragas. E, evidentemente, todo este conjunto de um lado acarreta maiores custos e exigiria melhor remuneração. Mas, por outro lado, sem dúvida, nós teremos uma produção maior, pois teremos maior produtividade.

Neste quadro, desejo encerrar estas minhas palavras com bastante otimismo. Acredito que o Brasil tenha condições de continuar a capitanear a produção mundial de café. Tem condições, dentro de alguns anos, de voltar a ser um grande produtor. De conseguir, com sua produção, bons cafés e preços

adequados que remunerem o produtor como este deve ser remunerado, pelo seu trabalho, pelo seu esforço.

E, por outro lado, produziríamos café em condições de atendermos ao mercado consumidor, sempre conjugando, como temos feito nestes últimos anos, os interesses daqueles que produzem com os daqueles que consomem.

Dentro deste meu espírito de otimismo com relação ao futuro do café devo concluir rendendo minha homenagem àqueles que, há dois séculos e meio, vêm labutando neste setor, com suor, com esforço, com trabalho, com fracassos mas também com sucessos, mas sempre animados a produzir cada vez mais e cada vez melhor.